

XII ENCONTRO DE EXTENSÃO, DOCÊNCIA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA (EEDIC)

A EDUCAÇÃO DE GÊNERO SOB A ÓTICA DA TEORIA QUEER: UMA FORMA DE COMBATE À CULTURA DA INTOLERÂNCIA

Thales Amaro de Lima¹; Saulo Nunes de Carvalho Almeida²

¹Discente do Curso de Direito do Centro Universitário Católica de Quixadá - UNICATÓLICA;
E-mail: nort.thales@hotmail.com

²Docente do curso de Direito do Centro Universitário Católica de Quixadá - UNICATÓLICA;
E-mail: saulonunes@hotmail.com

RESUMO

Partindo do pressuposto que compomos uma sociedade inserida em um contexto histórico e político marcado por um grande desenvolvimento tecnológico e informacional, tendo por destaque uma exacerbada diversidade, seja ela étnica, religiosa, política ou de gênero, seria mais do que natural haver um respeito maior ao diverso e ao complexo. No entanto, infelizmente, a realidade é que estamos em um período marcado pelo conservadorismo e pelo retrocesso, ao passo que tudo e todos que se encontram contrários àquilo imposto e disposto como “normal” e moralmente aceitável, por uma parcela social que se auto intitula hegemônica, afeta e norteia práticas diárias de convivência que afetam a sociedade como um todo. Este trabalho tem como objetivo, através de uma pesquisa de revisão bibliográfica, trazer à tona o debate sobre a problemática da cultura da intolerância e o que acarreta socialmente sua prática, apontando como um possível meio para seu combate a educação e mais precisamente a educação de gênero. Propondo o debate sob a ótica da Teoria *Queer*, tendo a perspectiva de uma teoria pós-estruturalista e marcada pela desconstrução de paradigmas históricos, além de criticar a imposição da normalização heteronormativa e da organização social binária. Assim, sendo possível concluir que temas relacionados ao gênero e sexualidade devem ser debatidos, questionados e pesquisados para, então, deixarem de ser estigmatizados, deixarem de ter em seu bojo esse estereótipo preconceituoso e obscuro que só uma sociedade desinformada considera aceitável.

Palavras-chave: Conservadorismo. Educação inclusiva. Teoria desconstrutivista.

INTRODUÇÃO

É podido se observar, atualmente, nos mais diversos meios de comunicação ou até mesmo em rodas de debate, fatos reais em que são elencadas situações de intensa intolerância seja ela racial, religiosa, política, de gênero ou até mesmo educacional. Ao passo que, o que não estiver inserido no estereótipo do que foi concebido por “normal” ou aceitável é dita como utópica, saudosista ou errada, como algo que não mereça consideração, pondo essa parcela da sociedade em uma situação de segregação.

Com um meio que possibilita a exposição das mais diversas opiniões e posicionamentos - agindo de forma rápida e em tempo real sobre todo e qualquer tipo de assunto, sendo por vezes apoiados pelo anonimato que a rede pode oferecer -, somada a uma sociedade cada vez mais intolerante ao plural e ao, que é dito como, diferente, muito se vem falando sobre a educação de gênero e sua, possível, contribuição social ao combate de todo esse preconceito no âmbito sexual e de gênero.

Essa parcela da sociedade marginalizada e segregada passa a objetivar muito mais que uma efêmera aceitação dos demais, mas busca a legitimação aos seus direitos de posicionarem-se social e politicamente como realmente são, sem a imposição de práticas tradicionais heteronormativas consideradas aceitáveis

buscando, então, o questionamento das práticas binárias que põem em uma extremidade o que considerada como uma norma a ser seguida e na outra àquela prática vista como amoral.

Logo, conforme os ensinamentos de Guacira Lopes Louro (2001, p. 542), o enorme desafio não está em única e exclusivamente admitir que as posições sexuais e de gênero estão em um número muito maior e que, conseqüentemente, resta impossível olhar sob uma ótica que tem como arcabouço esquemas binários; contudo, também concluir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.

A Teoria *Queer* busca exatamente propor esse questionamento social, político e de identidade, propondo uma nova visão ao conceito de gênero de todas as práticas que de alguma forma inferiorizam uma parcela social marcada historicamente. Trazendo à tona o debate sobre a problemática da cultura da intolerância e o que acarreta socialmente sua prática, apontando como um possível meio para seu combate a educação e mais precisamente a educação de gênero.

METODOLOGIA

Quanto à exposição metodológica da pesquisa ora exposta, examinar-se-á que esta se apresenta através na modalidade qualitativa, à medida que tende a formalizar estudos bibliográficos, por meio de um estudo teórico-descritivo realizado em base em análises doutrinárias, artigos científicos, exame de dispositivos legais que discutam a temática ora abordada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até pouco tempo atrás a sexualidade configurava um objeto central de análise das ciências sociais, compreendendo a ideia de um poder hegemônico, estabelecendo assim, diretrizes e normas que norteavam toda a sociedade e com isso, por consequência, atingindo principalmente todos àqueles que não se enquadravam nos paradigmas dessa parcela social "dominante".

Diante desse contexto histórico, político e social de marginalização dos homossexuais, os estudos sobre a sexualidade ganharam uma nova visão pautada não, apenas, em questionar o porquê de os indivíduos serem o que são, mas de propor um debate sobre a formação social dessa sexualidade.

Tendo a sua gênese sido constituída de um movimento acadêmico e político a partir daqueles que buscavam uma transformação social, criticando as práticas históricas que reafirmavam o preconceito, surgindo o que hoje é denominado de Teoria *Queer*. Podendo ser citadas como fontes históricas os movimentos construtivistas sobre a sexualidade e os pensamentos lésbicos radical.

Michel Foucault - que problematizou o binômio sexo/natureza, abordando o sexo de forma histórica - e Jacques Derrida foram os autores que ajudaram o movimento a compor uma base teórica, ao passo que não existiria um pensamento *queer* sem o conceito de pós-naturalismo e a desconstrução. O primeiro traz a ideia de um sujeito que é criado pelas instituições, cultura e política, resultando em um sujeito moldável; já o segundo, demonstra uma estratégia que objetiva não produzir estudos para explicar os indivíduos como eles são, mas desconstruir a cultura imposta para poder compreender o motivo que se tornam o que são.

O termo em língua inglesa, *queer*, é antigo e detinha em sua origem uma conotação pejorativa e agressiva em face àqueles que rompiam normas de gênero e sexualidade, mas Richard Miskolci (2009, p. 151-152) explica que a escolha do termo *queer* foi feita como uma forma de autodenominação, ou seja, um termo chulo que significava anormalidade, perversão e desvio, objetivava servir para elevar o compromisso em desenvolver uma análise da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade.

O pensamento *queer* se origina com o objetivo de desconstruir e por consequência criticar uma visão história imposta sobre as minorias sexuais e de gênero. Ao passo que, o próprio nome, que em tradução livre tem o poder de denotar algo anormal, desviado do que foi estipulado como regra, tem exatamente o condão de corroborar com a análise crítica da teoria.

Houve uma mudança do eixo de pesquisa a ser observado, o desejo e a sexualidade não são mais objetos de uma minoria, passando a ganhar um foco central, atingindo toda a ordem institucional, política e cultural, sem necessariamente, um referente estático. De acordo com Richard Miskilci (2007, p. 7), uma das

Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC), 12., 2016, Quixadá. Anais... Quixadá: Centro Universitário Católica de Quixadá, 2016. ISSN: 2446-6042

maiores críticas *queer* é a construção de práticas normalizadoras que impõem um modelo comportamental a ser seguido pelos demais, produzindo uma visão utópica de indivíduos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares.

Com o intuito de desconstruir todos os aspectos engessados e estáticos de uma sociedade conservadora, a teoria *queer* abrange e congrega todos àqueles que não se enquadram em uma cultura heteronormativa e que não possuem uma identidade imposta, mas que a constroem de forma diária e que tem autonomia para tal. Assim, a teoria *queer* estuda muitos mais do que a sexualidade e os gêneros, ela questiona todo o arcabouço normativo social, que de alguma forma legitimam práticas que corroboram com a segregação social, de gênero, étnica e até educacional.

Essa concepção binária - advinda de uma origem biológica - de sexo, diferenciará a mulher do homem e vai justificar e criar diferenciações comportamentais entre o que é considerado como algo feminino e masculino. Assim, a criação dos homossexuais e heterossexuais é uma consequência da diferenciação entre os sexos criando, por assim dizer, a normalização cultural de práticas heteronormativas e compulsórias, segregando todos àqueles sujeitos que estão fora do padrão idealizado.

Diante do exposto, fica nítido que é apenas a partir do século XVIII, que se pode falar sobre a problematização de gênero, em que o significado atribuído a gênero é observado como uma construção histórica, formada conforme as relações sociais, de poder e políticas de uma época (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 53). A sexualidade passou a deter um poder normalizador e organizador da sociedade, encontrando na educação uma forma de implantação desses conceitos, a educação sexual tinha esse condão de controlar as práticas “amorais”.

Sabe-se que a escola, tal e qual como a conhecemos hoje, ainda é um poderoso mecanismo de produção e reprodução dos valores sociais, morais, religiosos e etc., ela age como forma de preservar as tradições da sociedade vigente. Sabe-se ainda que através da educação e do ensino a escola consegue formar as pessoas para alavancar o desenvolvimento social e econômico, assim como, conservar os valores considerados tradicionais que inferiorizam os demais gêneros que diferem do masculino.

A discussão de gênero na escola é importante e se faz necessária a formação do indivíduo. É um dever do Estado com a cidadania possibilitar aos alunos e a sociedade um diálogo sobre a igualdade de direitos para os diversos gêneros que existem nela. A abordagem do gênero na educação possibilita a igualdade, o combate a violência, ao racismo, ao sexíssimo e as diversas outras formas de *bullying* que estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

De acordo com Heller (1992), o professor tem, portanto, uma enorme responsabilidade em atuar na vida escolar dos seus alunos, tendo em vista que ele é o mediador no processo de aprendizagem e transformação social do aluno, no qual através das “ferramentas” aprendidas se guiará no cotidiano; ou seja, docentes e pedagogos “estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores” (HELLER, 1992, p.19).

A educação de gênero tem um papel importante e inovador na formação educacional do sujeito, entendendo que imaginar que tenha existido uma outra possibilidade de pensar a sexualidade, para todos os sujeitos sociais construídos em um mundo onde a disparidade de sexos é algo naturalizado e corroborado em práticas diárias, não é de todo fácil. Assim, como indivíduos construídos historicamente e culturalmente, é possível vislumbrar a divisão entre feminino e masculino como algo estático, natural e permeado de verdades indiscutíveis, assim, tornando-se algo imutável (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 49).

A formação da sexualidade e do gênero não tem uma origem puramente biológica, como anteriormente era afirmada, em uma visão *queer* ela é construída através de práticas diárias e repetidas como a forma de falar, de se vestir, de andar, em que o questionamento e a desconstrução dessa visão biológica da formação do sujeito, são o início de uma ação de enfrentamento em face a toda uma cultura de intolerância e segregação.

Políticas públicas devem objetivar essa inclusão de todos aqueles que se diferem do estereótipo normalizador, contudo algumas políticas públicas pressupõem identidades estabilizadas, ao passo que não se analisa ou promove um debate sobre a compreensão do que é gênero e de como pode apresentar-se socialmente. A estabilização de identidades por parte do próprio movimento LGBT, pode ser perigosamente enraizada em uma prática segregadora, que reconhece apenas aqueles que se adequam em uma identidade pré-

estabelecida pondo-se em conflito com o pensamento *queer*, afirmando que identidades são – permanentemente – construídas culturalmente.

O pensamento *queer* posiciona-se em face à educação e suas dificuldades em romper a barreira positivista e binária de um processo histórico de formação do sujeito. Tendo como parâmetro o poder hegemônico imposto, por uma sociedade composta por práticas normalizadoras e segregadoras, a uma parcela que diverge da imposição heteronormativa. A teoria *queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação (LOURO, 2001, p. 550).

A intenção é promover uma educação diferente da usual positivista, apresentando novas perspectivas e enfrentamentos às diferenças (de gênero, sexuais ou éticas), objetivando não apenas incluir um tema sob uma visão de curiosidade ou estranhamento, mas de construir, criticar e trabalhar as diferenças com todos os sujeitos que compõem a sociedade, corroborando assim com a inclusão de todos àqueles marginalizados e oprimidos por serem o que a cultura da intolerância insiste em taxar por anormal. Questionando, assim, a dicotomia hetero/homossexual, propondo uma desconstrução sobre a naturalização e a superioridade da heterossexualidade, desmistificando o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados.

A pedagogia sob uma ótica *queer* não tem por objetivo reconhecer-se como sendo a pedagogia dos oprimidos, como tendo a função de ser libertadora sendo contrária a identidades fixas e imutáveis (que corroboram com a lógica hierárquica da subordinação), afinal sob essa perspectiva tem por propósito atingir a todos e não apenas àqueles que se encontrem no centro do conflito. Tendo como principal função fortalecer o debate sobre as diferenças e incluir todos os sujeitos hostilizados e segregados. Em vez de colocar o conhecimento (certo) como resposta ou solução, a teoria e a pedagogia *queer* (...) colocam o conhecimento como uma questão interminável (LUHMANN, apud LOURO, 2001, p. 552). Assumindo, assim, em seu um arcabouço um caráter incompleto, em constante construção e transformação.

CONCLUSÕES

A educação de gênero, ainda, é algo mistificado pela parcela conservadora da sociedade, ao passo que sua exposição aos indivíduos não tem como condão transforma-los em algo que não são, não fazendo com que um sujeito que se encaixa em um gênero se transporte para outro. Essa proposta pedagógica tem como intuito, oferecer todo o conhecimento possível sobre essa temática com o objetivo de, apenas, incluir todos àqueles que hoje se encontram em situação marginal e de desconstruir uma visão anormal do diferente.

Ainda há o que ser estudado e questionado e assim como o próprio pensamento *queer* que afirma que o conhecimento não é uma resposta ou solução imutável, sendo ele uma construção interminável, este trabalho não teve como objetivo afirmar que o *queer* é a melhor opção a ser aplicada na sociedade atual, apenas, tem como propósito trazer ao debate uma nova possibilidade de vislumbrar todo um histórico de disparidade e segregação.

Por fim, pode-se utilizar os ensinamentos da Professora Guacira Lopes Louro (2011, p. 65), em que “ninguém é, afinal, essencialmente diferente, ninguém é essencialmente o outro; a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se toma como centro e como referência”.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por direcionar nossos caminhos rumo ao conhecimento.

Ao Centro Universitário Católica de Quixadá – UNICATÓLICA, por ser nosso santuário na construção diária das diversas percepções acadêmicas que fomentam a construção da criticidade humanizada.

REFERÊNCIAS

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC), 12., 2016, Quixadá. Anais... Quixadá: Centro Universitário Católica de Quixadá, 2016. ISSN: 2446-6042

LOURO, Guacira Lopes. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade.** Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/download/20130327115243.pdf>>. Acesso em: 09 de ago. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em: 28 de jul. 2016.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização.** Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em: 02 de ago. 2016.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/2010/03/a-teoria-queer-e-a-sociologia-o-desafio-de-uma-analitica-da-normalizacao/>>. Acesso em: 27 de jul. 2016.

SOUZA, Eloisio Moulin; CARRIERI, Alexandre de Pádua. **A analítica QUEER e seu rompimento com a concepção Binária de Gênero.** Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/1712>>. Acesso em: 09 de ago. 2016.